

6 poemas de
João Foti

A pérola, amanhã,
designa a crueza do céu.

A pérola fluido-dizer,
ouvindo ao além se alumbra
ao mar, aquém.

Postulado em que inexista,
fotografa: ossos se vibram vívidos
no amplamente fluindo.

O escuro lago desde a pluma
– a pluma fremindo
decide o imo da pérola:
um ápice chuvoso.

Frontes em diante fogueando,
aqui de tu se emparelha
um vértice celebrino, esponjoso:

não olhas de peso,
passeias o fino capilar
do olho-no-olho.

Ontem, eras toda esperar-me,
ontem, crias de ontem.

Adiante, que cintila tua estrela!

Fel e flor, visão da aurora,
embora cedo despertemos.

À hora estúpida, passada
tarde para caminharmos, um
outro agora: nossa morada.

De mim mesmo naufrago
se te tornas com a palavra,
olhos de âmbar e mito
que me aportam o espelho:

e dormiremos sobre o nada,
e serei eu o teu barqueiro.

Te aprendo mais de cor
que um inverno de oferendas,
ainda que sobre tuas mãos
estivesse eu-jorro derramado

e me tivesses por promessa
sempre um outro insabido.

A peregrinação da imagem
se conduz no vórtice interno
e a imagem se produz
no inverno do perfume.

A imaginação da página
seduz, na dinâmica ante
a página, a noite e reluz
cambiante o seu veludo.

A vegetação da matéria
introduz grave fortaleza
que à matéria abre a luz
da beleza metamorfoseante.

A materialização da flor
reduz à plana obscuridade
a flor sem fórmula e induz
à intimidade da imagem.

A afloração dos olores
traduz na exuberância
olores despertando nus
na constância da eternidade.

A reimaginação do sonho
andaluz se realiza no devir
de um sonho quebra-luz:
– caíste no espelho líquido?

Desvelas chumbo e oliva,
não se à foice, nua seda,
tua fita, aquém do corpo,
decepa à estrada-flauta.

Sofres o túnel d'amplidão
aberta — urna e feixe —
no ouro arvorado, jardim
à penumbra sem nome.

Sequer reverberas o leite,
teu espasmo à noite jaz
esferas em cântaro oco,
desvelas o branco-água.

Rouco lençol, em toques
de retorno a dar-se nu,
perfurado ao creme das
ondas, que te esquece

– nas colinas, bojo soante
desfrutas, magno tom,
como se a estepe, calva
e reta, abrigasse lírios;

o sinal, vento das almas,
segredo de terceira parte,
em nada o verso extrai,
remonta, álamo e solidão.

Para esquecer da noite,
cem noites – já brancas.
Nada mais: a flor foi
destilada, branca de sol.

Cega, a estória é vapor
e em seguida, ânimo,
que umedece o papel
com seu mel mudo.

A cada feixe liso de duna,
corpos evaporam o gesto
– antes que exploda
sob o silêncio fecundo,

à certeza do que é obscuro
(o inferno soa como
maçãs para a fome)
– chamam de poetamenos.

O brilho do vazio volta
como grãos de orvalho
na noite sem noites:
finda a morte em flor.

Outro, cada mais te vejo
à transparências, teus teoremas
de cisão em cisão, e
remorsuras a inconsciência,
espírito dos mesmos.

São os dias em que vens
sobre os tantos das estantes:
como um cego,
como um luminoso escrever?

Ó frágil dilema das horas
de passagem por nós,
outro-eu impossível,
que talhas à fogo, no perfume do frio
às intempéries do devir.

Mastiga lótus, rubor tardio,
tu-silente nas bagas
defloradas sobre azul dos campos,
teu dulçor agora pressinto.

João Foti é poeta e universitário de Letras na Universidade de Brasília (UnB). Publica no blog:
www.cadernodamaisaltatorre.blogspot.com